



**ANÁLISE DAS TEORIAS
DOS ESTÁGIOS
APLICADAS AOS
ESTUDOS DO
DESENVOLVIMENTO
INFANTIL**

Elidenir Andressa Prestes FILADELFO
e Jocimar Roberto FILADELFO

UNIPAR



INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é realizar uma explanação sobre as diversas teorias existentes sobre o desenvolvimento infantil.

O desenvolvimento motor tem sido, ao longo do tempo, utilizado para tentar entender aspectos relacionados ao desenvolvimento humano. A origem dos estudos, em desenvolvimento motor, deu-se com o intuito de entender o desenvolvimento cognitivo a partir do movimento e não com o interesse de entender as mudanças no comportamento motor.

Gradualmente, o desenvolvimento infantil tornou-se uma área de interesse dos profissionais de Educação Física, que buscam contribuir para o entendimento do desenvolvimento humano como um todo. O ser humano é algo biologicamente dinâmico na medida em que, desde o momento da concepção até a morte, ocorre uma série de transformações quantitativas e qualitativas, quer no sentido evolutivo quer involutivo. É sabido também que essas transformações se verificam em ritmos e intensidades diferenciados, conforme a etapa da vida em que o ser humano se encontra. (GUEDES & GUEDES, 1997).

Segundo A. Gesell apud Mutschele (1996, p.14) “a personalidade é o resultado de um crescimento lento e gradual, e o sistema nervoso amadurece por etapas e seqüências”. Sendo assim, a educação deve guiar e favorecer o crescimento e a adaptação da criança ao mundo em que vai viver.

O posicionamento fundamental deste trabalho é que, se existe uma seqüência normal nos processos de crescimento, de desenvolvimento e de aprendizagem motora, isto significa que as crianças necessitam ser orientadas de acordo com essas características, visto que, só assim, as suas reais necessidades e expectativas serão alcançadas.

METODOLOGIA

O presente estudo realizou-se através de leitura e análise das diferentes teorias aplicadas ao desenvolvimento infantil, pesquisada por diversos estudiosos da área. Baseados em estudos das principais correntes teóricas do desenvolvimento infantil observa-se muitas mudanças, partindo da cultura grega, passando por períodos diferentes como a Idade Média, a Renascença, o Pós-Renascimento e finalmente, o período da Ciência. Para Hughes & Noppe apud Faria (2001), no período medieval as crianças eram solicitadas para trabalhar precocemente, não conhe-

cendo brinquedos e jogos. No Pós-Renascimento, as praticas de educação da criança foram cruéis e desumanas, elas eram amarradas e até sedadas, e ainda nesse período as primeiras fases do desenvolvimento da criança não eram considerados, sendo até mesmo desprezados. No período da Ciência, Charles Darwin balançou o mundo com a teoria da evolução (a origem das espécies), e Stanley foi o precursor dos estudos sobre o desenvolvimento da criança com o enfoque no maturacionismo. A partir disso, várias foram as pesquisas realizadas nessa área.

De Piaget a Frostig, de Ajuriaguerra a Elkonin, o desenvolvimento infantil é analisado em suas diversas etapas.

Para GUEDES & GUEDES (1997, p.12), “o desenvolvimento significa o conjunto de fenômenos que, de forma inter-relacionada, permite ao indivíduo evoluir desde a concepção, passando pela maturidade, até a morte”.

Ainda temos a definição apresentada por MELO (1997, p.8), em que “a seqüência do desenvolvimento corporal, como resultante de um jogo de relações que perdurará durante toda a existência do indivíduo”.

Segundo FARIA (2001, p.16), “o estudo de desenvolvimento da criança pode ser associado ao progresso da sociedade e ao da sua cultura”, portanto é um processo histórico.

Para Piaget, a partir do momento em que as funções nervosas permitem a criança libertar-se dos automatismos, aquilo que era reflexo começa a dar lugar ao aprendido (FREIRE, 1989). Dessa forma ele estruturou os estágios de desenvolvimento em quatro períodos: período sensorio-motor (do nascimento até 1 ano e 6 meses a 2 anos de idade); período pré-operacional (2 a 7 anos de idade); operações concretas (7 a 11 anos de idade); operações formais (acima de 12 anos de idade).

Wallon apud Mello (1996), estruturou uma seqüência que denominou de estádios de desenvolvimento, com base em seus enfoques relacionados à emoção e à socialização. Resumidamente são os seguintes: estádio impulsivo (0 a 3 meses), caracterizado pelas descargas ineficientes de energia muscular, espasmos e gestos desordenados; estádio emocional (3 a 9 meses), denominado por simbiose afetiva, onde são determinante as manifestações de carinho; estádio sensitivo-motor (fim do 1ª ano até 3 anos), onde a imitação é freqüente; estádio projetivo (faixa etária não indicada). A criança sente necessidade de se projetar nas coisas para perceber a si mesma; estádio do personalismo (2 anos e meio em diante, até alcançar a adolescência). Nesse período ela toma consciência de sua personalidade, definindo o interesse pelos outros e pela vida social no futuro; adolescência: a afetividade ocupará o primeiro plano.

A tendência do crescimento relativamente lento e constante na fase tardia da infância, que se estende dos 6 aos 10 dez anos ou 12 anos de idade, é encerrada pelo impulso do crescimento pubescente. “Embora estes anos sejam aqueles de variação desenvolvimentista lenta, é um momento de rápido aprendizado e que pode ser pensado como de consolidação do crescimento, mais caracterizado pelo aperfeiçoamento e estabilização de capacidades e habilidades anteriormente adquiridas do que pela emergência de novas” (ECKERT, 1993, p.233).

Le Boulch apud Melo (1997), afirma que o desenvolvimento possui quatro fases de estruturação: etapa do corpo submisso (0 a 2 anos); corpo vivido (até 3 anos); etapa do corpo descoberto (até 7 anos); etapa do corpo representado (até 12 anos).

TANI et al (1988, p.05), diz que “todo comportamento humano pode ser convenientemente classificado como sendo pertencente a um dos três domínios, ou seja, cognitivo, afetivo-social e motor”. No domínio cognitivo fazem parte as operações mentais. No domínio afetivo-social fazem parte os sentimentos e emoções. E no domínio motor incluem-se três tipos básicos de comportamento: contactar, manipular e ou mover um objeto; controlar o corpo ou objetos quando em equilíbrio; mover ou controlar o corpo ou parte do corpo no espaço.

Para Gallahue apud Tani et al (1988), a seqüência do desenvolvimento motor é da seguinte maneira: movimentos reflexos (vida intra-uterina a 4 meses após o nascimento); movimentos rudimentares (1 a 2 anos de idade); movimentos fundamentais (2 a 7 anos); combinações de movimentos fundamentais (7 a 12 anos); movimentos determinados culturalmente (a partir de 12 anos de idade).

Ajuriaguerra apud Faria (2001), relata que o desenvolvimento motor infantil passa por diversas etapas em que se ajustam as possibilidades de ação e a seqüência do movimento é aperfeiçoada. A primeira fase compreende a organização da constituição motora, a organização tônica de fundo, a organização proprioceptiva e o desaparecimento das reações primitivas. A segunda fase é aquela em que os reflexos dão lugar progressivamente a uma motricidade voluntária, manifestando uma progressiva integração motora e um refinamento na melodia cinética. Por último, a terceira fase faz referência à automatização das aquisições.

TANI et al (1988), apresentam a seqüência do desenvolvimento motor dando ênfase à importância da evolução do sistema nervoso do ser humano e considerando a herança filogenética ao longo de todo o processo evolutivo.

MANOEL (2000), através de pesquisa sobre o desenvolvimento motor chegou ao resultado que o desenvolvimento é um processo com características constantes, mas ainda assim complementares: permanência e mudança, estabilidade e instabilidade, rigidez e flexibilidade, constante e variabilidade.

MARQUES (1996), com a sua pesquisa sobre teoria dos estágios aplicadas aos estudos de desenvolvimento motor, afirma que faz-se necessário, a elaboração de estudos mais complexos que valorizem as diferenças individuais, as experiências diferenciadas conforme o indivíduo, o objetivo da tarefa e ambientes distintos. Para ele, a noção de estágio pode ser reservada por características comuns do movimento, e que a predominância de um determinado estágio é estabelecido de acordo com a regulação do ambiente, fornecido pelo objetivo da tarefa.

GALLARDO & ISAYAMA (1998), em suas pesquisas sobre o desenvolvimento motor definiram que a fase mais importante do desenvolvimento motor se encontra na infância, a qual é denominada fase das habilidades motoras fundamentais, e é quando o profissional de educação física tem maior chance de trabalhar com as crianças. E que a maioria das pesquisas realizadas no Brasil relacionadas ao processo de desenvolvimento da criança, têm apontado a necessidade de mais estudos sobre o tema.

CONCLUSÃO

Analisando todas as etapas mencionadas por diversos pesquisadores percebe-se que o desenvolvimento não consiste apenas em adições (mudança quantitativa) e sim, envolve a reorganização de estratégias ou habilidades inteiramente novas em cada período (mudança qualitativa).

Acredita-se que o conhecimento destes processos de desenvolvimento infantil, em termos de tributos e suas inter-relações, pode fornecer a fundamentação para uma atuação mais coerente de Educação Física em relação à natureza do ser humano. Em outras palavras, é muito importante se estabelecer os objetivos da Educação Física Escolar em função das necessidades que advêm do próprio processo de mudanças no comportamento do ser humano, ao longo de seu desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança num novo estágio aborda as tarefas de modo diferente. Ela está preocupada com questões diferentes, sendo assim, as crianças devem ser orientadas de acordo com suas características em determinado período. A

não observância dessas características conduz, freqüentemente, ao estabelecimento de objetivos, métodos e conteúdos de ensino inapropriados. Em consequência, queda de motivação e perda de interesse pela Educação Física.

REFERÊNCIAS

- BALDWIN, A. **Teorias do desenvolvimento da criança**. 2ª ed. São Paulo: Pioneira, 1973.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento**. 7ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- ECKERT, Helen M. **Desenvolvimento motor**. 3ª ed. São Paulo: Manole, 1993.
- FARIA, Analia R. **Desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1995.
- FARIA, Alcídia M. **Lateralidade - Implicações no desenvolvimento infantil**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2002.
- FREIRE, João B. **Educação de corpo inteiro - Teoria e prática da educação física**. 1ª ed. São Paulo: Scipione, 1989.
- GALLARDO, J., ISAYAMA, H. **Rev. da Educ. Fis.** 9/UEM 75-82, 1998.
- GUEDES & GUEDES. **Crescimento, composição corporal e desempenho motor de crianças e adolescentes**. 1ª ed. São Paulo: Balieiro, 1997.
- MARQUES, Inara. **Rev. da Educ. Fis.** 7/UEM (1): 13-18, 1996.
- MANOEL, E. J. **Rev. paul. Educ. Fis.** São Paulo, ss. 3, p. 34-54, 2000
- MELO, J. P. **Desenvolvimento da consciência corporal - Uma experiência da educação física na idade pré-escolar**. São Paulo: Unicamp, 1997.
- MELLO, Alexandre M. **Psicomotricidade - Educação física - Jogos infantis**. 3ª ed. São Paulo: Ibrasa, 1996.
- MUTSHELE, Marly S. **Como desenvolver a psicomotricidade**. São Paulo: Loyola, 1996.
- NEGRINE, Airton. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil**. Porto Alegre: Prodil, 1994.
- Parâmetros Curriculares Nacionais**. Vol. 07. Brasília, 1997.
- TANI, G. **Educação física escolar: Fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: Universitária, 1988.